

# A LINGÜÍSTICA E O ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO: UMA APROXIMAÇÃO

*AUGOSTINUS STAUB*

I — A lingüística é o estudo da linguagem humana em todas as suas manifestações. Um texto literário é um ato de linguagem, uma combinação de unidades lingüísticas e como tal é objeto da lingüística.

Pode dar-se o caso do aparecimento de linguagem desprovida de literatura. Seria o caso da linguagem artificial, da linguagem de computador. Entretanto não existe literatura sem linguagem. Na opinião de Mallarmé, os poemas não são feitos de idéias mas de palavras. O poeta, o criador do texto literário, escolhe o material lingüístico do total dos meios de expressão a seu dispor. Qualquer pessoa que emite uma frase procede de um modo idêntico.

II — A lingüística jamais esteve dissociada do pensamento e das obras dos grandes pensadores da humanidade. Vários autores da antiguidade já formularam perguntas concernentes à operação da linguagem humana, perguntas que, até hoje, não receberam respostas satisfatórias. As observações de interesse lingüístico mais antigas, conhecidas pelo mundo ocidental, encontram-se no Antigo Testamento, mais especificamente no Gênesis. A primeira observação conta-nos como Adão deu nomes aos animais:

Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres, e todas as aves do céu, levou-os diante de Adão, para este ver como os havia de chamar; e todo nome que Adão pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome.



E Adão pôs nomes convenientes a todas as aves do céu, e a todos os animais selváticos;...<sup>1</sup>

O escritor hebreu do Gênesis narra como o primeiro homem fez uso eficiente de dom divino: o dom da linguagem.

A segunda narra os acontecimentos que acompanharam a construção da Torre de Babel:

Ora, a terra tinha uma só língua e um mesmo modo de falar. Mas (os homens), tendo partido do oriente, encontraram uma planície na terra de Senaar, e habitaram nela. E disseram uns para os outros: Vinde, façamos tijolos e cozamo-los no fogo. E serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em vez de cal traçada; e disseram: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até o céu; e tornemos célebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a terra. O Senhor, porém, desceu a ver a cidade e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse: Eis que são um só povo e têm a mesma língua; e começaram a fazer esta obra, e não desistirão do seu intento, até que a tenham do todo executado. Vinde pois, desçamos, e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que um não compreenda a voz do outro. E assim o Senhor os dispersou daquele lugar por todos os países da terra, e cessaram de edificar a cidade. E por isso aí foi confundida a linguagem de toda a terra, e daí os espalhou o Senhor por todas as regiões.<sup>2</sup>

De acordo com o autor sagrado foi o pecado da vaidade o causador da diversidade lingüística no mundo.

Outras observações lingüísticas registradas na Bíblia referem-se a nomes de lugares, de pessoas, ao bilingüismo ou plurilingüismo do mundo de então, a etimologias forçadas e a um fato dialetal, narrado assim no livro dos Juizes:

E quando algum fugitivo de Efraim chegava a eles e dizia: Peço-vos que me deixeis passar; os Galaaditas diziam-lhe: Acaso és tu Efrateu? E, respondendo êle: Não sou, replicavam-lhe: Dize, pois, Chibboleth, que significa espiga. E ele pronunciava siboleth, não podendo exprimir a palavra espiga com as mesmas letras.<sup>3</sup>

A Bíblia não se refere a nenhuma análise lingüística propriamente dita.

<sup>1</sup>Gênesis. 2:19-20.

<sup>2</sup>Idem. 11, 1-10.

<sup>3</sup>Livro dos Juizes, 12, 5-6.

O historiador grego Heródoto, do século V antes de Cristo, fala-nos do desejo do rei egípcio Psamético em descobrir a língua mais antiga do mundo.

Na Grécia foi Platão o primeiro a tratar de um tema lingüístico num dos seus diálogos: *Crátilo*, um misto de ciência e filosofia. Crátilo, um dos personagens, acredita que o nome de um ser é uma consequência natural de ser nomeado. O significado lingüístico é natural (*physei*). A estrutura fonética (*significante*) do nome deve refletir a natureza do ser nomeado. Hermógenes, outro personagem do diálogo, nega o ponto de vista de Crátilo e argumenta que o nome dos seres é convencional, i. é., resultado de uma convenção entre os falantes. Sócrates, como uma espécie de debatedor, destaca os méritos e os defeitos dos dois pontos de vista expostos.

Em *Teeteto* e *O Sofista*, Platão está interessado na relação entre o pensamento, a linguagem e as coisas das quais falamos. Não vê interesse na etimologia de expressões isoladas. Em *Teeteto*, Platão obtém de Sócrates uma definição de linguagem: "A expressão do pensamento de alguém por meio de "onomata" e "rhemata" que espelham ou refletem as idéias de alguém pela corrente (de ar) que passa pela boca."

Os Romanos, pobres em produções lingüísticas originais, davam rédeas soltas à imaginação ao tratarem da descoberta e do porquê do significado de uma palavra.

A missão do Cristianismo era, de acordo com Cristo, uma missão evangelizadora:

E enviou-os a pregar o reino de Deus...<sup>4</sup>

Em obediência a essa ordem, missionários atravessaram as fronteiras do mundo cristão de então. A tradução da Escritura em línguas vernáculas tornou-se uma das tarefas principais dos sábios cristãos. Vários "glossários" (coleção de palavras) de línguas desconhecidas, com uma tradução correspondente em latim, datam da Idade Média e eram de grande utilidade a missionários e catequistas.

Rogério Bacon (1214-1294), filósofo medieval, admitia, na sua obra, a identidade das gramáticas das línguas individuais. As diferenças gramaticais, de uma língua para outra, eram consideradas como acidentais. A crença nos universais lingüísticos foi bastante cultivada posteriormente entre os filósofos idealistas do século dezesete, encontrando aceitação plena entre os gramáticos de Port-Royal de 1600 e na Gramática Gerativo-transformacional, iniciada por Chomsky em 1957.

Entre os escolásticos e os gramáticos da Renascença, o escritor era considerado como um técnico, um artífice que exibía qualidades profundas, mas compreensíveis.

Na obra de Leibniz (1646-1716), filósofo, matemático e, como diriam os alemães, um verdadeiro "Universalgenie", aparece um in-

<sup>4</sup>São Lucas: 9, 2.



teresse destacado pelo estudo do parentesco das línguas e da genealogia lingüística. Para Leibniz, o esforço comum da época, no sentido de estabelecer relações entre o hebreu e o resto das línguas, era um esforço inútil e deveria ser abandonado. Sugeriu a descrição do maior número possível de línguas. Só aspectos lingüísticos comuns deveriam servir de base para o estabelecimento de genealogias válidas. Interessou-se na coleção e descrição de línguas vivas. De missionários obteve informações valiosas concernentes a línguas e dialetos de regiões distantes. Aconselhou ao czar Pedro o Grande o estudo das línguas do Império Russo, a confecção de gramáticas e dos dicionários respectivos. Aos seus compatriotas alemães aconselhava o estudo e o uso do alemão no qual publicou alguns ensaios, relegando o latim e o Francês, línguas de intercâmbio intelectual de então.

O surgimento de uma língua universal, sonho considerado como provável realização por parte de muitos transformacionistas da atualidade, foi vislumbrado por Descartes, Leibniz e Locke<sup>5</sup>

No século dezoito surgiu uma espécie de indiferença pelas estruturas lingüísticas presentes numa obra literária. Esta não deveria ser considerada como uma espécie de "artefato lingüístico", com estilo, padrões e recursos lingüísticos próprios, mas como uma obra de conteúdo explícito.

No início do século dezanove, a lingüística de então, a filosofia da linguagem e o estudo da literatura reiniciaram um trabalho de cooperação, frequentemente interrompido e eivado de suspeitas mútuas.

Coleridge, por exemplo, considerava a linguagem como "the armory of the human mind; and at once contains the trophies of its past, and the weapons of its future conquests". Para Coleridge, a linguagem não é um espelho passivo mais um raio de luz, portador de energia intensa, que plasma, que ordena a experiência humana. Vemos que o autor britânico derivou as suas idéias de Kant e Schelling. Em Coleridge também encontramos uma frase que reflete a união entre poetas, escritores e filósofos: "We poets, speak the world". Beaundelaire foi um dos únicos franceses a seguir, nos seus trabalhos, os caminhos e as idéias da "lingüística poética" de Coleridge. Visava, entretanto, nas suas críticas, a arte e não especificamente a literatura.

Sir William Jones (1746-1794) não era um filólogo profissional. Na obra *On the Hindus* escreveu o parágrafo que foi a causa do início da Filologia Comparativa na Europa:

The Sanskrit language, whatever be its antiquity, is of a wonderful structure; more perfect than the Greek, more co-

pious than the Latin, and more exquisitely refined than either; yet bearing to both of them a stronger affinity, both in the roots of verbs, and in the forms of grammar, than could possibly have been produced by accident; so strong indeed that no philologist could examine them all three without believing them to have sprung from *some common source*, which perhaps no longer exists. There is a similar reason, though not quite so forcible, for supposing that both the *Gothick* and the *Celtick*, though blended with a very different idiom, had the same origin with the Sanskrit; and the old *Persian* might be added to the same family.<sup>6</sup>

Rousseau (1712-1772) escreveu, pelo ano de 1750, *L'Origine des Langues*. Estudioso dos sistemas educacionais, da sociedade e dos sistemas de governo, interessou-se na linguagem e nas mudanças lingüísticas em relação às necessidades práticas das pessoas num grupo social, como membros de uma nação e vivendo em climas diversos.

A maioria dos estudos literários do século dezanove não visava estabelecer uma união entre a lingüística, a filosofia da linguagem e a própria literatura mas enfatizavam dois aspectos: o *moralizador* e o *histórico*. O estudo do texto literário tornou-se um estudo *histórico-social*. A lingüística comparativa, iniciada por Sir William Jones, que havia estudado com sucesso a gênese e a morfologia das línguas indo-européias, andava de mãos dadas com os estudos do texto literário, fornecendo a sua metodologia.

É em Goethe (1749-1832) que encontramos a frase que serviu de lema ao IV Congresso Internacional de Lingüísticas e que resume o dogma estruturalista dos lingüistas do século vinte:

Willst du dich an Ganzen erquicken  
So musst du das Ganze im Kleinsten erblicken.<sup>7</sup>

Para Wilhelm von Humboldt (1767-1825) a linguagem é *energeia*, uma atividade, a força ativa e formativa do intelecto. As estruturas básicas, a "deep structure" de Chomsky, já foram pesquisadas por Humboldt sob o nome de "forma interna".

Schleicher tentou, pela síntese da teoria da história de Hegel e a teoria da seleção natural de Darwin, apresentar uma teoria lógica e demonstrável da linguagem.

O re-exame dos fundamentos da lógica matemática feito por Hilbert, Frege e outros levou ao desenvolvimento da lógica simbólica e ao reconhecimento que tal lógica era um código, uma estru-

<sup>5</sup>ver Chomsky, Noam A. *Cartesian Linguistics*, New York, Harper and Row, 1966.

<sup>6</sup>Works of Sir William Jones, Lord Teignmouth ed. 1804, vol. ii, p. 268.  
<sup>7</sup>Actes du IV<sup>e</sup> Congrès international de linguistes, p. 29.



tura informativa com dilemas e potencialidades de importância à compreensão da linguagem.

Cassirer examinou a natureza essencialmente simbólica da expressão humana. Nota-se pontos de aproximação entre o trabalho de Cassirer e os estudos feitos no campo da lógica simbólica e da lógica matemática.

Para Wittgenstein, a filosofia é essencialmente "terapia da fala". Wittgenstein também determinou a tarefa essencial do filósofo: a elucidação do uso da sintaxe por parte do ser humano.

A filosofia da linguagem de Carnap, Wittgenstein e outros defende a crença que uma análise sincera do significado é feita, e também, pela análise da gramática, dos recursos da linguagem, com a qual o ser humano argumenta e experimenta modelos possíveis da realidade.

Bernard Shaw, que se intitulava um técnico, um mestre da linguagem, vivia preocupado com o significado das palavras:

My own profession is, technically, that of a master of language; and I have been plagued all my life by scientists, clergymen, politicians, and even lawyers, who talk like parrots, repeating words and phrases picked up from one another by ear without a moment's thought about their meaning, and accept mere association of ideas as an easy substitute for logic.<sup>8</sup>

Shaw também defendia a economia lingüística e rebelava-se contra certos absurdos da ortografia das línguas inglesa e francesa.

III — Em 1915 um grupo de estudantes da Universidade de Moscou fundou o Círculo Lingüístico daquela cidade. El 1916, filólogos e historiadores literários iniciaram os trabalhos da sociedade de São Petersburgo para o estudo da linguagem poética. As duas agremiações congregavam poetas, lingüistas e conhecedores da língua e literatura russas. Jakobson era um dos seus colaboradores. Já em 1916 surgiu o *Estudos na Teoria da Linguagem poética*. Citamos alguns trabalhos publicados pelos grupos: De L. Jakubinskiy: *O Acúmulo de Líquidas Idênticas no Linguajar Prático e Poético*. Euxenbaum examinou o *Sobretudo* de Gogol e encarou a cadência, padrões frasais e o emprego sucessivo de imagens na prosa narrativa. Jakobson publicou, em 1923, um *Tratado sobre o Verso Checo*. Este trabalho pode ser considerado como uma das primeiras tentativas de aplicação metódica dos critérios da semântica moderna à análise comparativa da estrutura e os efeitos dos padrões métricos.

Os defensores da poética lingüística emigraram posteriormente da Rússia, e Praga tornou-se o seu centro. Há quem aponte o ano

de 1911 como o ano do início da Escola de Praga. O Círculo Lingüístico de Praga, entretanto, realizou o primeiro encontro em outubro de 1926 e tornou-se, desde o início, um centro de estudos literários à luz da lingüística. Jakobson, Troubetskoy, Mukarovsky e outros, lançaram os conceitos de estruturalismo e semiologia que hoje estão na moda. O Círculo Lingüístico de Praga formulou uma série de conceitos básicos entre os quais destacamos:

(1) uma língua é um todo coerente na qual as partes entream umas sobre as outras;

(2) somente a poesia nos torna capazes de experimentar o ato da fala na sua totalidade, não como um sistema estático, pré-fabricado, mas como uma energia criativa.

(3) Tudo na obra de arte e as suas relações com o mundo exterior... pode ser analisado em termos de significante e significado. A estética, neste caso, pode ser considerada como uma parte da ciência moderna dos signos: a semasiologia.

Em 1958 foi realizada na Universidade de Indiana, a "Conference on Style" a "Conferência sobre o Estilo" com as seguintes finalidades:

(1) resumir os trabalhos de lingüística e literatura feitos até então e

(2) delinear futuras atividades.

Jakobson chamou a atenção dos presentes sobre a ignorância dos críticos e dos lingüistas dos recursos poéticos velados nas estruturas morfológica e sintática da linguagem, numa palavra, a poesia da gramática e o seu produto literário, a gramática da poesia, habilmente manejadas por escritores criativos.

The poetic resources concealed in the morphological and syntactic structure of language, briefly the poetry of grammar, and its literary product, the grammar of poetry, have been seldom known to critics and mostly disregarded by linguists but skilfully mastered by creative writers.<sup>9</sup>

O conhecimento da função poética da linguagem por parte do lingüista e o conhecimento dos problemas lingüísticos por parte do estudioso da literatura (literary scholar) foi enfatizado por Jakobson na mesma conferência:

All of us here, however, realize that a linguist deaf to the poetic function of language and literary scholar indifferent to linguistic problems and uncoversant with linguistics methods are equally flagrant anachronisms.<sup>10</sup>

Estudos posteriores ou da mesma época podem incluir os estudos de Ogen e Richards, de William Empson, o criticismo herme-

<sup>8</sup>Preface of "The Miraculous Birth of Language, Richard Albert Wilson, London, J. M. Dent and Sons LTD, p. ix.

<sup>9</sup>Apud George Steiner. *Linguistics and Literature*, in *Linguistics At Larger*, Noel Minnis, ed. Hertfordshire, Paladin, 1973, p. 123.

<sup>10</sup>Idem, *Ibidem*.



neutico de Walter Benjamin, tentando uma metodologia com características lingüísticas e sociológicas na leitura do drama barroco e de Baudelaire.

Na França floresceram e florecem a semiologia, a gramática estrutural. Fora da França surgiram: de Monroe C. Beardsley, *Thinking Straight*, (1950) no qual o autor analisa com clareza a linguagem figurativa; de Josephine Mile, *More Semantics of Poetry* (1940); de John Crow, *Wanted: An Ontological Critic* (1941); de Christine Brooke-Rose, *A Grammar of Metaphor* (1958); de I. A. Richard, *Poetic Process and Literary Analysis*; anteriormente o mesmo autor surgira com *The Philosophy of Rhetoric* (1936) em que se destaca o capítulo referente à metáfora; de Jakobson, *Linguistics and Poetics*. Digno de nota é o trabalho de Samuel R. Levin, *Poetry and Grammaticalness*.

Lingüistas, no verdadeiro sentido da palavra, foram poucos, além de Jakobson, os que tentaram aplicar as técnicas de investigação, até então aplicadas à língua falada, à linguagem literária. Archibald Hill em *Analysis of the Windhover: an Experiment in Structural Method*<sup>11</sup> e em *Pippa's Song: Two Attempts at Structural Criticism*,<sup>12</sup> fez uma tentativa de penetrar após a análise lingüística detalhada, nos valores literários. Hill confessa que não sabe se o método seguido no trabalho é lingüístico ou literário. Confessa-se indiferente quanto à questão. Encara as duas disciplinas como uma só. Crê que não é impossível conjugar os dois métodos ou aplicá-los sucessivamente.

I do not know, and do not much care, whether the method I have followed is linguistic or literary. There is a reason for my indifference. I think of the two disciplines as one, and I do not believe it is impossible to carry on both, either successively or at the same time.<sup>13</sup>

As idéias de Hill foram aceitas por John Spencer. No estudo da literatura aconselha uma atenção especial ao seu meio, a linguagem. Que os lingüistas recorrem à orientação dos estudiosos da literatura. Finalmente aconselha, para os estudantes, o estudo da língua e da literatura.

Few literary scholars would suggest that literature can be satisfactorily studied without due attention to its medium, language. Nor would many linguists justify the investigation of literary language without guidance from those who devote

<sup>11</sup>Hill, Archibald A. PMLA, LXX, N.º 5 (December 1955), 968-978.

<sup>12</sup>Hill, Archibald A. Studies in English, University of Texas, 35: 51-56 (1956).

<sup>13</sup>Apud Curtis W. Hayes. Linguistics and Literature: Prose and Poetry, in Linguistics, Archibald A. Hill ed. Voice of America Forum Lectures, 1968, p. 199.

themselves to the study of literature. There would, moreover, be a measure of agreement on both sides that the student of literature, whatever his particular interest ought to be trained in the study of both language and literature.<sup>14</sup>

Poucos estudiosos do texto literário, sugeririam o estudo do mesmo sem a devida atenção ao seu veículo, a língua. Muitos lingüistas justificariam a investigação do texto literário sem a orientação daqueles que se dedicam ao estudo da literatura. Deveria existir um acordo entre lingüistas e os estudiosos do texto literário no sentido de dar ao estudante de literatura um treinamento no estudo da língua e da literatura.

Tanto o lingüista como o estudioso do texto literário visam a descoberta de uma estrutura. Ambos admitem que uma estrutura é mais do que um acúmulo de dados primários. O lingüista considera a sentença como uma espécie de *gestalt*. O estudioso do texto literário faz o mesmo com a sua obra. O texto literário é, sem dúvida, composto de sentenças, muitas bem formadas, outras deviantes, algumas incompletas. A interpretação do texto literário inicia com as sentenças. O crítico chega à compreensão total da obra através da compreensão das sentenças. Uma reorganização não sistemática destas seria desastrosa para o todo. Tanto o lingüista como o crítico consideram o objeto do seu estudo como um exemplo de atividade intencional. Ambos admitem a multiplicidade de interpretação de dados, apesar de, às vezes, mostrarem a preferência por uma interpretação dada.

IV — Quais as características principais do texto literário? Em primeiro lugar destaca-se pela *produção*. O autor do texto literário, ou melhor, da linguagem literária em geral, não se encontra face a face com o seu interlocutor. Tem a possibilidade de apresentar um trabalho mais meditado e melhor elaborado. Conta com o auxílio, se quiser, da pesquisa lenta e sistemática referente ao assunto versado. Pode corrigir conceitos e decidir-se a favor de uma expressão ou de uma exposição mais adequada. A elaboração cuidadosa torna a linguagem literária mais curta. Nela, as repetições desnecessárias desaparecem. Na linguagem não literária, boa parte do material lingüístico é supérfluo, meramente convencional. Certos elementos podem ser substituídos por outros e nenhuma mudança substancial no significado ocorre. O autor da linguagem literária escolhe o seu vocabulário com lentidão. Escreve e re-escreve os períodos à vontade. Pode considerar cada frase como um todo sem descuidar as suas partes. Conta com mil recursos que podem aumentar o efeito da mensagem escrita. Erros contextuais admissíveis na linguagem não literária, não são admissíveis na re-

<sup>14</sup>Enkvist, Nils Erik, John Spencer, and Michael J. Gregory. Linguistics and Style. Oxford University Press, 1964, p. vii.



dação de um texto, pois, a sua frequência, impediria a comunicação com o receptor da mensagem, o futuro leitor. O autor do texto literário enfrenta uma situação não imediata e não recíproca. Não conta com o feedback (retro-alimentação) do receptor da mensagem e deve, em espírito, desempenhar o papel de emissor (escritor) e receptor (leitor) da mensagem. O desempenhar concomitante destes dois papéis não é fácil. A incapacidade encontrada por certas pessoas de projetar-se no papel do leitor é a causa principal da grande diferença entre os níveis da atuação verbal e da atuação escrita. A competência no escrever não é uma consequência automática da competência no falar. Pessoas há de linguagem oral fácil e que, por escrito, não conseguem expor as idéias que alimentam. Verificamos também o oposto: ótimos escritores podem ser péssimos expositores orais. A competência no escrever tem pouco a ver com a competência no falar. O falante nativo não é necessariamente um "escritor nativo".

O texto literário, em segundo lugar, é linguagem na condição de uso especial. Qual é esta condição de uso especial? De um lado temos a *verdade* e a *informação* que nos são fornecidos pelo texto. Do outro, os *meios de expressão formal*. Estes dois aspectos têm características de inseparáveis. A finalidade da inseparabilidade é transmitir um significado total e, ao mesmo tempo, um significado peculiar, específico da obra. Uma alteração do texto de uma obra, a substituição, o acréscimo, a subtração de um elemento semântico, destruiria o seu significado total e alteraria o significado peculiar.

Em terceiro lugar, o texto literário caracteriza-se pela *apreciação*. Apesar de poder ser oral, é, em geral, apresentado por escrito. É aí que notamos a presença de certas convenções entre as quais destacamos: um título destacado do texto, capítulos, parágrafos, uma ordem na apresentação no espaço que pode ser da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo. Os detalhes da apresentação são impostos pela cultura dos povos e necessariamente aceitos pelo escritor.

Quarta característica: o texto literário é altamente figurado. Costumamos esclarecer um processo complicado, isolando algumas de suas complexidades. O espírito humano tenta projetar um pouco de luz sobre o mesmo, comparando-o com um outro processo que entendemos. Em poucas palavras: simplificamos. As comparações surgem da necessidade de simplificação e, pouco a pouco, fixam-se no linguajar de todos. A linguagem ostenta uma característica importante: pode evocar em nós a lembrança viva de uma experiência do passado. Não foi sem razão que Bühler apontou,

<sup>15</sup>Ver de A. E. Darbyshire, A. Grammar of Style, London, Andre Deutch, 1971, pp. 90-141 e de Suzette Haden Elgin, What is Linguistics, Englewood Cliffs, Prentice-Hall, Inc., 1973, pp. 81-97.

como uma das funções principais da linguagem, a função representativa (Darstellungsfunktion).

Em quinta lugar podemos dizer que o texto literário se caracteriza pela presença de estruturas que se desviam das estruturas do texto não literário.<sup>15</sup> Este desvio pode ser bem acentuado no verso. Pode ser pequeno ou, pelo menos menor, em algumas obras em prosa.

V — São quatro as atitudes que podem ser adotadas em relação ao texto literário. A primeira é aquela que o considera acima da análise. Uma penetração, orientada por métodos lingüísticos só poderia enfraquece-lo ou rebaixá-lo. É uma atitude inspirada pela supervalorização da língua escrita. Refuta-se esta atitude com um argumento simples: toda a análise que acrescenta algo à compreensão do texto literário, não o prejudica. Parece-nos que a atitude de indiferença diante do texto literário foi inspirada, apesar de inconscientemente, por um estruturalismo falho de tecnologia de penetração da estrutura sintática, não só do texto literário, mas inclusive, da linguagem oral, não literária.

Os adeptos de uma segunda atitude, atitude transformacionista, aceitam a existência de uma gramática da língua falada e, concomitantemente uma outra, a da língua escrita, depositária de regras que gerariam o acervo de frases encontradas no total dos textos literários escritos numa língua.

A terceira atitude, também transformacionista, considera o texto literário como a atualização de um determinado dialeto que difere do dialeto ou dos dialetos falados. O dialeto literário apresentaria regras que só gerariam cadeias características e encontráveis em textos literários. Nesta atitude está oculta uma tentativa de preservar a língua literária das influências da língua falada.

A quarta atitude admite que o texto literário recorre a todas as transformações do linguajar comum. Na opinião de George Steiner, não podemos, a priori, indicar um ato de linguagem ou um elemento e dizer: este está excluído de qualquer emprego literário.

... we cannot, a priori, point to any language act or element and say: this is excluded from all literary employ.<sup>16</sup>

No texto literário o autor formula perguntas, nega, recorre à transformação passiva, etc. Fazemos o mesmo quando dialogamos com alguém.

Num determinado ponto, entretanto, o texto literário começa a divergir dos padrões existentes na gramática do linguajar não literário. Deste ponto em diante poderemos esperar o aparecimento de transformações de desvios que só têm vez no texto li-

<sup>16</sup>Steiner, George. Linguistics and Literature, in Linguistics At Large, Noel Minnis, ed. Hertfordshire, Paladin, 1973, p. 113.



terário e não no linguajar comum. Ohmann diz que as deviações escolhidas pelo poeta, originam-se de impulsos semânticos específicos, modos específicos de encarar a experiência.

... we should expect that the ones elected (kinds of deviance) by a poem or poet spring from particular semantic impulses, particular ways of looking at experience.<sup>17</sup>

É difícil demarcar o início do texto literário pois, como afirma George Steiner, muitos indicadores pertinentes são comuns ao poeta e a qualquer elemento do grupo social que fala com clareza, força, personalidade e o mínimo de elegância.

Many, in fact most, of the pertinente indicators are common to the poet and to anyone in his society who would speak with clarity, force, personal stress, a minimal elegance.<sup>18</sup>

Uma transformação literária pode ser considerada como uma extensão dos princípios da gramática da linguagem comum e tem as características seguintes:

(1) é posterior à aplicação de todas as transformações não literárias;

(2) é opcional. É esta segunda característica o que comumente chamamos de "licença poética".

Cabe ao lingüista a tarefa de provar que todos os processos da linguagem comum estão presentes no texto literário. A gramática da língua literária só teria um suplemento que trataria das transformações opcionais do texto literário, não aceitas no linguajar comum. A quarta atitude em relação ao texto literário é, sem dúvida, uma atitude essencialmente econômica.

Sente-se o estilo. É difícil comentá-lo ou descrevê-lo. O lingüista pode examinar um texto:

(1) determinando o emprego de transformações não literárias;

(2) determinando o emprego de transformações literárias opcionais.

Só após este trabalho teria condições de dar um parecer sobre a presença ou a ausência de certas transformações. Desse modo desapareceria da análise de um texto os adjetivos de significado vago como estilo *penetrante, fluente, lícido*, etc. O autor de um texto sempre prefere transformações que nele se tornam habituais. Faz uma escolha entre uma série de alternativas. O estudo das escolhas ou das predileções de um autor constitui o objeto da estilística.

Um inventário minucioso das transformações prediletas de um autor nos poderia dar uma idéia daquilo que certos analistas sentiram como um estilo *penetrante, fluente*, etc.

Só uma análise lingüística profunda do mecanismo transformacional de um texto poderia caracterizar uma época ou aquilo que conhecemos sob o nome místico de "escolas literárias".

A fonologia da língua em uso no texto é de suma importância para um autor. Para o estudioso do texto, tal importância ainda é maior. Numa análise do texto falamos em assonância, em aliteração, etc. e é aí que um estudo metódico e lingüisticamente orientado de fonética, fonêmica e, especialmente de morfologia torna-se importante.

VI — A lingüística abre uma nova perspectiva em relação ao estudo do texto literário: a descoberta dos universais literários. Temos um conhecimento precário das estruturas literárias das línguas que conhecemos. Sabemos que nenhuma sociedade existe que não tenha uma linguagem literária. Sabemos, também, que todas as línguas do mundo dispõem de meios para expressar o ritmo na literatura. As formas de expressão, entretanto, variam de uma língua para outra.

Com a penetração em massa de lingüistas transformacionistas na área do estudo do texto literário podem surgir conflitos:

(1) Muitos críticos literários, professores de literatura, estilistas, etc. podem sentir-se perturbados com a aplicação de técnicas lingüísticas, sem dúvida revolucionárias, ao estudo do texto literário;

(2) muitos lingüistas podem achar que com a aplicação de técnicas de investigação lingüística, os problemas inerentes à estrutura da obra literária podem ser resolvidos de imediato. Outros tentam, e erroneamente, ocupar por completo, o papel do crítico.

Em 1964, no encerramento do 9.º Congresso Internacional de Lingüistas, Roman Jakobson pôde observar que uma sessão especial havia tratado da estilística e da poética e que o estudo da poesia era inseparável da lingüística e a sua tarefa pertinente.

For the first time a special section of a linguistic congress has dealt with stylistics and poetics: The study of poetry has been conceived as inseparable from linguistics and as its pertinent task.<sup>19</sup>

Como vimos, a lingüística jamais esteve dissociada do pensamento dos grandes autores da humanidade. O estudo do texto literário, entretanto, recebeu um pequeno impulso com o advento da lingüística descritiva. Quem muito lucrou com o advento da Gramática Transformacional foi a análise do texto literário.

<sup>17</sup>Ohmann, Richard. *Literature and Sentences*, in *Readings in Applied Transformational Grammar*, Mark Lester, ed. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1970, p. 147.

<sup>18</sup>Op. cit. p. 114.

<sup>19</sup>In Horace G. Lunt, ed. *Proceedings of the Ninth International Congress of Linguists*. Mouton, 1964, pp. II 35 ff.



## BIBLIOGRAFIA

- 1 — Actes du IV<sup>e</sup> Congrès International de linguistes.
- 2 — CHOMSKY, Noam A. *Cartesian Linguistics*. New York, Harper and Row, 1966.
- 3 — DARBYSHIRE, A. E. *A Grammar of Style*. London, Andre Deutsch, 1971.
- 4 — ELGIN, Suzette Haden. *What is Linguistics*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, Inc., 1973.
- 5 — ENKVIST, Nils Erik, John Spencer. and Michael J. Gregory. *Linguistics and Style*. Oxford University Press, 1964.
- 6 — *Evangelho de São João*.
- 7 — *Gênesis*.
- 8 — HAYES, Curtis W. *Linguistics and Literature: Prose and Poetry, in Linguistics*. Archibald A. Hill ed. Voice of America Forum Lectures, 1968.
- 9 — HILL, Archibald A. *PMLA*, LXX, n.º 5.
- 10 — ———— *Studies in English*, n.º 35. University of Texas, 1956.
- 11 — *Livros dos Juizes*.
- 12 — LUNT, Horace G. *Proceedings or the Ninth International Congress of Linguistics*. Nouton, 1964.
- 13 — OHMANN, Richard. *Literature and Sentences, in Readings Applied Transformational Grammar*, Mark Lester ,ed. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1970.
- 14 — STEINER, George. *Linguistics and Literature, in Linguistics At Large*. Noel Minnis, ed. Hertfordshire, Paladin, 1973.
- 15 — TEIGNMOUTH, Lord, ed. *Works of Sir Silliam Jones*. London, 1804, vol. ii.
- 16 — WILSON, Richard A. *The Miraculous Birth of Language*. London, J. M. Dent and Sons LTD, 1949.